

Território: usos e significados de um conceito

ARTHUR BRENO STÜRMER*

Resumo: Como toda ciência, a Geografia dispõe de conceitos-chave. O território é um deles e, hoje, um dos que possui uma gama de usos e significados que justificam colocá-lo como objeto de reflexão. Este artigo tem o objetivo de apresentar e discutir os diferentes usos e significados do conceito de território. Recorrendo à literatura geográfica, dialoga com geógrafos e suas obras, cobrindo o final da década de 1970 até os dias atuais. Embora consista em um esboço sobre o conceito de território, sua relevância está em reunir definições das mais importantes para quem procura se orientar em meio a um emaranhado de definições. Este conceito serve de ferramenta para a construção de planos, estratégias e ações que vão além da Geografia, atravessando-a e participando de esforços interdisciplinares. O que se ressalta é que a variedade de definições encontradas, antes de representar a falta de consenso sobre o que é o território, figura como um ponto positivo frente à pluralidade de concepções políticas, sociais e econômicas que os engendraram.

Palavras-chave: Conceito; Ciência geográfica; Geografia Crítica.

Territory: uses and meanings of an concept

Abstract: Like all science, Geography has key concepts. The territory is one of them and, today, one of those that has a range of uses and meanings that justify putting it as an object of reflection. This article aims to present and discuss the different uses and meanings of the territory concept. Using geographic literature, it dialogues with geographers and their works, covering the late 1970s to the present day. Although it is an outline of the concept of territory, its relevance lies in bringing together definitions of the most important for those who seek to orient themselves in a tangle of definitions. This concept serves as a tool to build plans, strategies and actions that go beyond Geography, crossing it and participating in interdisciplinary efforts. What stands out is that the variety of definitions found before representing the lack of consensus on what territory is, this is a positive point in the face of the plurality of political, social and economic conceptions that engendered them.

Key words: Concept; Geographical Science; Critical Geography.



* ARTHUR BRENO STÜRMER é doutorando em Geografia; professor de Geografia na Educação Básica

Introdução

É cada vez é mais comum lermos e ouvirmos falar em *território*. Por comunicações científicas, discursos políticos e documentos oficiais, percebe-se que o território ganhou importância nos últimos tempos. Não se concebe mais abordar a identidade senão dentro de um território, referir-se ao sentimento de pertença ou ao domínio de um grupo ou organização sobre uma área exceto se estiverem sobre um determinado território.

Entre aqueles que se utilizam do termo *território*, especialistas ou não, é bem provável que poucos se aprofundem em questões teóricas mais complexas. Isso acontece quando, orientando-se por fins práticos e imediatos, se opta por passar ao largo daquele rigor com que um conceito é tratado na academia. O uso corriqueiro e às vezes despreocupado que dispensa a precisão conceitual ou metodológica – como é comum no dia a dia – às vezes se verifica também no exercício da administração pública, nos serviços privados e entre a população em geral; difundem-se erros pelos meios de comunicação e a densidade de significado se dilui enquanto é disseminada pelas mídias/redes sociais.

Aqui se pretende discutir as diferentes definições dadas ao conceito de território, destacando os principais significados que lhe foram atribuídos na literatura científica. Partindo dos usos corriqueiros do termo, vai-se construindo uma noção mais elaborada no contato com fontes bibliográficas conhecidas no meio acadêmico, especialmente entre geógrafos. Espera-se contribuir com os estudos sobre o território a título de nota introdutória, com o fim de ampliar as discussões sem, no entanto, esgotar tal tentativa de aproximação a esse conceito.

Território: um conceito entre outros

Iniciemos relembando que *território* é um conceito dos mais usados na ciência geográfica. Defini-lo não é tarefa simples, embora necessária, haja vista seu uso ser cada vez mais frequente fora do círculo acadêmico, contribuindo para, aos poucos, esvaziá-lo de significado. Se pensarmos em termos da própria Ciência e do conhecimento científico, veremos que cada qual adota um objeto de estudo central, um conjunto de métodos e técnicas de pesquisa, além de teorias, doutrinas, princípios filosóficos, postulados, hipóteses, categorias, conceitos e abordagens. Elegendo um temário próprio, uma Ciência coloca esse instrumental à disposição de quem pretenda investigar, debater ou refletir sobre questões de seu(s) campo(s) de pesquisa.

Tendo nos conceitos aqueles elementos básicos e necessários para a leitura, interpretação e análise de uma dada realidade, convém tomá-lo como uma ferramenta também de análise para interpretar a realidade, problematizá-la e propor soluções. Por isso, a Geografia utiliza-o juntamente a outros conceitos considerados básicos. Eles seriam os conceitos-chave da Geografia: paisagem, região, território e lugar. Poder-se-ia também acrescentar o espaço – que aparece com seu par inseparável, o tempo.

Corrêa (2008) admitia cinco conceitos: paisagem, região, espaço, lugar e território, que guardariam afinidade entre si e com a Geografia e seu objeto de estudo:

Como ciência social a geografia tem como objeto de estudo a sociedade que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos chave que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos se

referem à ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território (ibidem, p. 16).

Vesentini (2010) considerou como conceitos básicos da Geografia os mesmos conceitos de espaço, território, região, paisagem e lugar, em ordem decrescente de abrangência (escala planetária, região do globo, país, nosso estado e escala local).

Entre os geógrafos não há consenso de quais seriam os conceitos fundamentais. Poder-se-ia poderia incluir: rede, território-rede, meio, meio técnico-científico, meio técnico-científico-informacional, espaço vivido, espaço percebido e outros. Todos juntos cumprem o papel de sustentação teórica aos trabalhos de geografia.

Conceitos, escolas geográficas e o território

Houve conceitos geográficos que foram mais ou menos valorizados de acordo com o momento histórico por que passava a Geografia. As grandes escolas geográficas fizeram uso predominante de um ou mais conceitos, alguns deles se convertendo em objeto de estudo. Assim é que, genericamente, se identifica a *paisagem* como um conceito fortemente ligado à Geografia Tradicional, enquanto esta buscava constituir uma ciência de síntese. A *região* era apresentada como conceito central dentro da proposta da Nova Geografia, que visava à organização espacial. O conceito de *espaço* teve seu ponto alto na Geografia Crítica, à medida que teorizava sobre uma das bases em que a sociedade se assenta e se reproduz.

Com o *território* foi diferente. A Geografia Crítica redescobriu-o no contraponto da exaltação da globalização nos fins dos anos 1990.

Somente aí se percebe a relevância do conceito, que ganhará inúmeras adjetivações para dar conta de fenômenos relativamente novos: fragmentação dos territórios, interconexões em rede, conteúdo técnico, formação de hierarquias e estabelecimento de novas verticalidades e horizontalidades, territórios luminosos e territórios opacos. Tudo isso traz ao primeiro plano da discussão o território tornado arena de disputa entre mercado e sociedade civil:

Com a presente democracia de mercado, o território é suporte de redes que transportam as verticalidades, isto é, regras e normas egoísticas e utilitárias (...) enquanto as horizontalidades levam em conta a totalidade dos atores e das ações (SANTOS, 1996, p. 207).

É assim que o *território* se torna – teórica e praticamente – alvo de atenção, pois, ao se falar de globalização e fragmentação, do global e do local ou da escala global e da escala nacional, a referência ao território é quase que obrigatória.

Do trânsito do território por diferentes áreas

A partir desse referencial, pesquisadores de outras áreas acorrem à Geografia com frequência, procurando elucidar alguma interface geográfica identificada em seus trabalhos e/de pesquisas. Atraídos pela capacidade de a Geografia interpretar o espaço geográfico, profissionais não-geógrafos buscam conceitos que lhes permitam fundamentar ações ou abrir novos caminhos teórico-metodológicos, por vezes para embasar propostas alternativas e inovadoras em suas áreas.

Com formação acadêmica interdisciplinar ou não, esses profissionais recolhem da teoria geográfica os conceitos que sejam mais

úteis para desenvolver estudos, trabalhos e projetos. Levam o conceito de *paisagem* para a arquitetura e o urbanismo; a *região* para as geociências, economia, planejamento regional e história; o conceito de *território* chega à saúde coletiva, serviço social, educação, ecologia, zoologia; e o *lugar* é cedido em empréstimo à sociologia, psicologia e antropologia.

O conceito de território serve, cada vez com maior frequência, a lances teóricos ousados que contribuem para estender o campo de interação e troca de saberes disciplinares. Todavia advertência se faça: o uso desses conceitos fora da Geografia requerem adaptações que, de um lado distorcem significados e, de outro, forçam uma ressignificação, dando-lhes novos contornos e a possibilidade de ampliar seu espectro de aplicação. Quando, porém, se quer dotá-los de maior potencial explicativo, ou se hibridizam os conceitos ou adicionam qualificativos: fala-se em território *da cidadania* (BRASIL, 2008), território *de identidade* (BAHIA, 2009), territórios *de desenvolvimento* (CARNEIRO; ROCHA, 2009), território *da saúde* (PEREIRA; BARCELLOS, 2006), território *cultural* (SÃO PAULO, 2014), território *educativo* (BRASIL, 2010; FARIA, 2012) e uma infinidade de outros territórios.

Antes de qualquer consideração desnecessária acerca desses termos, vale lembrar que os geógrafos alertavam para erros comuns no uso do conceito de território. Sposito (2004, p. 111) afirma que “não se pode pensar o território a-historicamente, pois sempre que ele é estudado, a categoria tempo comparece de imediato como uma referência necessária”. Dematteis (2008, p. 33) percebe que “seguidamente se faz um uso excessivamente retórico da

palavra ‘território’, sugerindo-se visões parciais ou distorcidas da realidade”, em que o território é pensado ora como “conjunto material de coisas sem atores” e vice-versa, ora como “receptor passivo de ‘efeitos’ derivados de um agir social, econômico e político”.

Vê-se que o conceito de território é suscetível a variações de significado, encontradas na própria literatura geográfica. Por exemplo, a Geografia e “a maior parte da literatura científica, tradicionalmente restringiu o conceito de território à sua forma mais grandiloquente e de carga ideológica: o ‘território nacional’” (SOUZA, 2008, p. 81). Atualmente, a conceituação de território não ignora a referência ao exercício do poder por um sujeito (pessoa, grupo ou nação) sobre determinada porção do espaço (extensão micro ou macro), identificada por limites e fronteiras (físicas ou não).

O território retorna à cena – território usado: um espaço humano

Raffestin (1993), um dos autores mais citados quando se quer falar do território, disse que o território se formava a partir do espaço. Este, quando apropriado (concreta ou abstratamente) por um ator, acabava por “territorializar” o espaço. O território, assim, é posterior ao espaço, que lhe serve de “matéria-prima”. O território é uma produção que envolve relações, portanto o território inscreve-se em um campo de poder. Então o território foi um espaço que sofreu a ação de um ator que dele se apropriou. Tal relação pode se expressar por uma representação, por exemplo, um mapa, carta, cartograma, que são formas de apropriação, empresa, controle: “qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações” (ibidem, p. 144).

Santos (1998) compreendeu o território como sendo não apenas o somatório de formas, mas o território *usado*, com os objetos e as ações humanas, que é sinônimo de espaço humano. Seus recortes mais recentes são os *lugares contíguos* e os *lugares em rede*. “O território, hoje, pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede. São, todavia, os mesmos lugares que formam redes e que formam o espaço banal” (ibidem, p. 16). Cada um desses lugares, porém, tem funcionalizações diferentes, acontecendo simultaneamente. Criam-se novas solidariedades e a possibilidade de um acontecer solidário entre pessoas e entre lugares. Se o território se fragmenta com o desenvolvimento da ciência, a tecnologia e informação, por outro lado elas também podem unir esses fragmentos.

A alusão ao território tratado unicamente como área circunscrita por um limite político-administrativo, reconhecido especialmente por linhas traçadas no papel ou na imagem digital, ficou para trás, pois assim não é possível entendê-lo hoje em sua complexidade. Já o território *usado* é mais revelador dos rebatimentos, nas mais variadas escalas geográficas – do global ao local e vice-versa –, produzidos pelos processos de globalização e fragmentação, especialmente a partir dos anos 1990. Souza (2003, p. 17) vem assinalando que “o território, modernamente, é entendido não apenas como limite político-administrativo, senão também como espaço efetivamente usado pela sociedade e pelas empresas”.

Andrade (2004) assinalou que a expressão *território* voltou a ser utilizada a partir dos recentes estudos de geografia política e geopolítica a ponto de concorrer com os termos *espaço* e

região. Desde o século XIX, Friedrich Ratzel e Élisée Reclus utilizaram o território ao analisar, respectivamente, o papel de controle desempenhado pelo Estado e as relações entre as classes sociais e o espaço ocupado e dominado. De modo geral, “deve-se ligar a ideia de território à ideia de poder, quer se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder das grandes empresas” (ibidem, p. 19).

É sabido que a evolução do conceito de território nos permite pensá-lo o território em diversas escalas e em diferentes temporalidades:

Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (p. ex., uma rua) à internacional (p. ex., a área formada pelo conjunto dos territórios dos países-membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN); territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica (SOUZA, 2008, p. 81).

Souza (ibidem, p. 78-79) reafirmou o território como “*espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder* (...) uma vez que o território é essencialmente um instrumento de exercício de poder”. Ao final do século XX, essas relações envolvem mais a ciência e técnica. A análise do território ganha importância devido ao conteúdo técnico que adere aos espaços – e territórios – levando ao exercício do poder de forma altamente mediada pela técnica e pela informação. Razão pela qual os territórios passam a se interconectar, formando redes.

Territórios em rede

Dias (2008, p. 145) ressaltou um dos papéis das redes: organizar territórios. Em dado momento da história houve “um projeto de integração territorial, integração de mercados regionais, pela quebra de barreiras físicas, obstáculos à circulação de mercadorias, de matérias-primas, mas também de capitais”. É quando se faz possível aos territórios se conectarem instantânea e simultaneamente, favorecendo estratégias de circulação e comunicação, ou seja, “os fluxos, de todo tipo – das mercadorias às informações [que] pressupõem a existência das redes” (ibidem, p. 148).

Haesbaert (2010, p. 178) entende que o “território tem seu foco principal no campo das práticas – ou, se quisermos, das articulações espaciais – de poder”. Destarte, se considerarmos que estamos nos dirigindo a uma sociedade em rede, precisamos pensar os territórios cada vez mais interligados, formando o que chamamos de território-rede.

Conceituando o território entre os demais conceitos

O que distingue muito bem o território dos demais conceitos da geografia é o exercício do poder sobre determinada área. Ao se conceituar espaço, região, paisagem e lugar, a menção ao poder não é absolutamente necessária, mas para o território se torna obrigatória. Só se concebe o território a partir da relação de poder de um ator com o espaço. O estabelecimento de regiões, a visualização de uma paisagem e a descrição de um lugar se pode fazer sob outro tipo de relação com o espaço, mas para o território não, porque tem como pressuposto a existência de um poder – que irá se impor, ocupar, fixar limites, vigiar fronteiras, organizar e adotar ordenamentos, enfim, gerir o território.

De modo simplificado, território e espaço se “cruzam” teoricamente quando investigamos a gênese do território, isto é, de onde provém. O território vem do espaço, forma-se a partir dele e, assim, é posterior a ele. Lefèbvre (1978, p. 259), ao falar sobre a gênese do conceito de território, o entende como sendo anterior ao território:

A produção de um espaço, o território nacional, espaço físico, balizado, modificado, transformado em redes, circuitos e fluxos que aí se instalam: rodovias, canais, estradas de ferro, circuitos comerciais e bancários, autoestradas e rotas aéreas etc. (ibidem, p. 259).

Em relação à ótica do território, vemos no mesmo autor o território resultando da ação de apropriação de um ator sobre o espaço:

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa em qualquer nível). Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator ‘territorializa’ o espaço (ibidem, p. 143).

A apropriação abstrata, uma representação ou a territorialização do espaço são formas elementares do território; revelam a relação que se estabelece com o espaço:

Delimitar é, pois, isolar ou subtrair momentaneamente ou, ainda, manifestar um poder numa área precisa. O desenho de uma malha ou de um conjunto de malhas [rede de linhas imaginárias / quadrículas do poder] é a consequência de uma relação com o espaço e, por conseguinte, a forma mais elementar da produção de um território (ibidem, p. 153).

Então, para existir *território*, os elementos básicos seriam: espaço, ator e poder. Espaço (geográfico) do qual se originará uma forma de relação específica que o ator manterá com ele; o ator (individual, coletivo, social) que se relacionará com o espaço na forma de controle; e o poder exercido por esse ator sobre o espaço.

Podemos ensaiar as características do território enquanto o conceituamos. Seriam elas: possuir área, recursos, povo, poder, limites e fronteiras. É assim que vemos o território ao pensarmos nos conflitos agrários, nas lutas por demarcação de terras, mas também no zoneamento urbano, na criação de corredores ecológicos, estabelecimento de áreas verdes nos grandes centros e assim por diante.

Poderíamos conceber, ainda, o território contendo características mais comumente lembradas, relativamente ao território *nacional*: tem linhas, limites, faixas e fronteiras; povo e nação; mais o controle sobre determinada área e sobre ela exercendo poder militar, político e simbólico.

Entretanto, a perspectiva consolidada por Raffestin (1993) em passagens um tanto generalistas ainda é bem aceita, mesmo através de uma analogia onde o território:

É um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a ‘prisão original’, o território é a prisão que os homens constroem para si (ibidem, p. 144).

Assim, há território onde se materializaram ações humanas no espaço e onde se projetou um trabalho na forma de energia e informação. Ali há o exercício de poder, um aprisionamento do espaço, depois do próprio homem. Se o espaço está na

origem, o território foi gerado a partir dele, isto é, construiu-se uma “prisão” para nós mesmos. Prisão em um sentido conotativo, porém de fácil observação pelos muros, cercas e obstáculos/barreiras físicas ou pelos contornos gráficos de um mapa ou carta geográfica.

O território em uma visão contemporânea – de Milton Santos

Quando adentramos à obra de Milton Santos, identificamos uma profusão de definições que aparecem ao longo dos anos, numa verdadeira evolução quanto aos acréscimos e aperfeiçoamentos que fez ao conceito de território, especialmente entre os anos de 1978 e 2000. Passando os olhos pelas obras deste período, chega-se a novas compreensões a propósito do território.

Em *Por uma geografia nova*, Santos (1978) compreendeu que o território gerava o espaço: “a utilização do território pelo povo cria o espaço”. O povo, usando o território, gera, produz o espaço (geográfico), modifica-o, transforma-o, e também, por outro lado, cria territórios a partir do espaço. As características do território nesta obra são: anteceder o espaço, possuir limites fixos, estar delimitado e constituído pelas relações de poder do Estado. Em *Espaço e sociedade*, Santos (1979) entendeu que o território fora um palco da expansão do capitalismo internacional sobre o Estado, que empobrece e perdendo sua capacidade para gerar serviços sociais. Nesse mesmo palco, ocorrem: a apropriação da mais-valia, a desvalorização dos recursos controlados pelo Estado e há supervalorização dos recursos destinados às grandes empresas, principalmente nos países periféricos.

Na obra *Espaço e método*, o território de Santos (1985) traz, ainda, a ideia de

palco, entretanto, das atividades criadas a partir da herança cultural do povo. O conceito é deduzido da observação de fatos particulares que presidiram a formação do espaço. O território, como recorte espacial, está contido no espaço e o espaço no território, num movimento dialético. Então não exibe uma forma definitiva e organizada, embora já se configure como fração do espaço articulada ao espaço mundial. Em *Metamorfoses do espaço habitado*, o território é apresentado por Santos (1988) com novas funções, especializa-se e recebe novos papéis e revalorização de suas partes (os lugares):

Pode-se, pois, dizer a respeito dessas novas realidades que tais especializações na utilização do território – sejam elas originalmente naturais ou culturais, ou provenham de intervenções políticas e técnicas – significam uma verdadeira redescoberta da Natureza ou pelo menos uma revalorização total, na qual cada parte, isto é, cada lugar, recebe um novo papel, ganha um novo valor (ibidem, p. 11).

Santos fala da revalorização dos lugares, chegando até à reorganização dos territórios, vista dentro de um tempo histórico:

O território a cada momento foi organizando-se de maneira diversa, muitas reorganizações do espaço se deram e continuam acontecendo, atendendo aos reclamos da produção da qual é arcabouço. Merecem destaque especial as transformações ocorridas a partir de meados deste século (ibidem, p. 17).

Já na obra *Técnica, espaço, tempo*, “o território inclui obrigatoriamente ciência, tecnologia e informação”, diz Milton Santos (1994). O território é a superposição de sistemas de engenharia diferentemente datados e usados

segundo tempos diversos (há o tempo mundial ou hegemônico e o tempo local). O território é atingido pelo processo de racionalização da sociedade, passando a instrumento da racionalidade social:

cada fração do território é chamada a revestir características específicas em função dos atores hegemônicos, cuja eficácia depende doravante de uma produtividade espacial, fruto de um ordenamento intencional e específico¹ (ibidem, p. 24).

Numa das obras mais complexas e academicamente significativas, *A natureza do espaço*, Santos (1996) traz a compreensão do território como território usado; ele é histórico e seus objetos têm conteúdo técnico e social². O espaço contém o território modelado, configurado, ao passo que o território corresponde aos complexos naturais e às construções/obras feitas pelo homem: estradas, plantações, fábricas, casas, cidades³. O território é construído historicamente, como negação da natureza natural, com sua materialidade definida por objetos organizados em sistemas e com influência direta no uso do território. Este é usado, reorganizado, configurado, normatizado, racionalizado, havendo porções de territórios denominadas territórios *locais normativos*, com objetos e ações, normas (técnicas, políticas, jurídicas), diferentes agentes, ritmos e heterogeneidade.

De modo bem distinto, em *Por uma outra globalização* (2008) o território é esquizofrênico. A realidade complexa

¹ Este ordenamento intencional e específico pode ser entendido como o sistema-mundo.

² O território *usado* aparece novamente como sinônimo de espaço humano, cujos objetos acrescentam conteúdo não apenas técnico, mas social ao território.

³ Aqui Santos (1996) aproxima-se ao território lefebvriano, enunciado anteriormente.

da virada do século exige uma reformulação do conceito de território, ampliando seu potencial explicativo. Como o território acolhe vetores da globalização que impõem nova ordem, ao mesmo tempo se produz uma contraordem a partir dele. O território está compartimentado e fragmentado. Associam-se e se chocam o movimento geral da sociedade planetária e o movimento particular de cada fração, regional ou local, da sociedade nacional. O processo de fragmentação do território rouba às coletividades o comando do seu destino.

Novos atores também não dispõem de instrumentos de regulação que interessem à sociedade em seu conjunto. Conforme Santos (2008, p. 79), “os atores mais poderosos se reservam os melhores pedaços do território e deixam o resto para os outros”. Tem sido assim com a globalização. O espaço geográfico ganha novos contornos e a localização dos territórios ganha importância. Neles, os atores globais se deparam com o “indesejável” do território – a cultura, sociedade e economia local; certa comunidade e “rugosidades”. Por isso se afirma:

o território não é um dado neutro nem um ator passivo. Produz-se uma verdadeira esquizofrenia, já que os lugares escolhidos acolhem e beneficiam os vetores da racionalidade dominante mas também permitem a emergência de outras formas de vida (ibidem, p. 80).

O território, tendo um papel ativo na formação da consciência, de certa forma “age”, reage e oferece resistência. Mais que suporte, palco, substrato, territórios envolvem identidade e pertencimento.

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o

chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi (ibidem, p. 96).

Considerações finais

O conceito de território sofreu modificações em seu significado ao longo do tempo e seu uso tem sido tão disseminado por áreas afins ou não à Geografia, que esta reivindica para si a tarefa de retomá-lo como um dos principais conceitos para interpretar o espaço geográfico. Quando notamos que hoje o território abarca também as relações de poder no espaço e a atuação de grupos sociais em diferentes escalas, queremos dizer, que o conceito de território ampliou-se com o tempo e passou a considerar a apropriação do espaço como uma constante, seja na forma de domínio, seja na de exclusão.

O conceito de território contempla as relações de uso e o poder no espaço. Como assinalou Fernandes (2012, p. 151), “o conceito passa a analisar a luta entre os grupos sociais, os impactos no território oriundo de diversos aspectos e de ordem social, impressa no espaço pela formação de territórios de diferentes ordens”. As contribuições de Milton Santos e outros autores majoritariamente ligados à Geografia Crítica, como Rogério Haesbaert e Marcelo de Souza⁴, evidenciaram a necessidade de reformulação do conceito de território para dar conta dos fenômenos geográficos. Só muito recentemente se ouviram falar de territorialidade, multiterritorialidade, territorialização e desterritorialização, de modo que a Geografia Crítica retoma e traz à tona, revalorizando, o conceito

⁴ Conferir também Saquet (2007), sobre *Abordagens e concepções de território*.

de território juntamente com seus derivativos.

O território que passou a importar, também, é o território *usado*, diferentemente daquele território demarcado por limites rígidos e fronteiras imóveis, estáticas. O mundo contemporâneo é preñado de movimentos, é dinâmico. E a modificação do conceito se faz mediante a consideração de aspectos do território nunca antes abordados, como sua apropriação simbólica e os vários vínculos territoriais sobre um mesmo espaço ao mesmo tempo.

Como se disse no início, não se pretendia esgotar as definições sobre o *território*, nem tampouco havia a intenção de passar a ideia de que os autores trazidos aqui produziram as melhores definições, exceto dentro do quadro esboçado no presente trabalho. Acredita-se, isto sim, que as definições aqui apresentadas sobre território, em seu conjunto, são capazes de auxiliar nas reflexões sobre os usos e significados do conceito de território.

Diante das tantas definições de território feitas dentro da Geografia, é mister ressaltar que todas estão sujeitas, ou melhor, inscritas em um contexto político, para não dizer social e econômico. Portanto algumas deixam transparecer posições e intencionalidades que lhes serviram de motivação, entretanto tais definições de território não poderiam ser desprezadas por isso, uma vez que a pluralidade concepções e a diversidade de conceituações é antes um fato positivo que negativo, especialmente para o avanço da ciência e o progresso do entendimento acerca do que é o território.

Referências

ANDRADE, M. C. de. **A questão do território no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAHIA. **Territórios de identidade**. 2009. Disponível em: http://www.seplan.ba.gov.br/arquivos/File/publicacoes/outros/DOWNLOAD_43.pdf. Acesso em 02.07.2016.

BRASIL. **Territórios da cidadania**. 2008. Disponível em: http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlrn/clubs/territoriosrurais/one-community?page_num=0. Acesso em 02.07.2016.

_____. **Decreto nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010**. Dispõe sobre o Programa Mais Educação. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7083.htm. Acesso em 02.07.2016.

CARNEIRO, M. J.; ROCHA, B. N. Limites e possibilidade da construção de “territórios de desenvolvimento” na Região Serrana do Rio de Janeiro. **Política & Sociedade**, n. 14, abr. 2009, p. 251-275.

CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I. E. de *et al* (Orgs.) **Geografia: conceitos e temas**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 15-47.

DEMATTEIS, G. Sistema local territorial (SLOT): um instrumento para representar, ler e transformar o território. In: ALVES, A. F.; CARRIJO, B. R.; CANDIOTTO, L. Z. P. (Orgs.). **Desenvolvimento territorial e agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 33-46.

DIAS, L. C. Redes, emergência e organização. In: CASTRO, I. E; GOMES, P. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 141-162.

FARIA, A. G. **A conversa da escola com a cidade: do espaço escolar ao território educativo**. 2012. 100p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

FERNANDES, M. de O. O conceito de território: reflexões conceituais e os enfoques na Geografia contemporânea. **Revista de Geografia (UFPE)**, v. 29, n. 2, p. 136-152, 2012.

HAESBAERT, R. **Regional-Global**: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

LEFÈBVRE, H. **De l'État** 4. Les contradictions de l'État moderne. Paris: UGE, 1978. p. 259.

PEREIRA, M. B.; BARCELLOS, C. O território no Programa de Saúde da Família. **Hygeia**, v. 2, n. 2, p. 47-55, jun. 2006.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

_____. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio-técnico científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. O retorno do território. In: _____; SOUZA, M. A. de. (Orgs.) **Território**: globalização e fragmentação. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 15-20.

_____. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SÃO PAULO. **Qual é a diferença entre o território cultural e a Zepec APC?** 2014. Disponível em <http://www.camara.sp.gov.br/blog/territorio-cultural-busca-preservar-efervescencia-artistica-do-centro/>. Acesso em 02.07.2016.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SOUZA, M. de. Introdução. In: _____. (Org.). **Território brasileiro**: usos e abusos. Campinas, SP: Edições territorial, 2003. p. 17-26.

_____. Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E; GOMES, P. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 77-116.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: UNESP, 2004.

VESENTINI, J. W. **Conceitos básicos da Geografia**. Produção: Editora Abril Educação, 25 mar. 2010. Web aula. 06'38". Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9EiM0JePxro>. Acesso em 01.07.2016.

Recebido em 2017-04-01
Publicado em 2017-12-05